



■ A fábrica de gás de Alicante em 1905 e proclamação da Alcaldía de 1918 anunciando a ampliação do fornecimento de gás.



■ O edifício Carbonell, sede da Gas Alicante S.A., e a capa do livro *Uma história do gás em Alicante*.



Espanhóis, franceses e holandeses na iluminação da cidade

O gás em Alicante

Alicante dispôs de uma iluminação a gás desde 1861, graças ao trabalho de técnicos e sociedades, tanto espanhóis como franceses e holandeses, com vicissitudes e eventualidades de todo tipo. As dificuldades da Primeira Guerra Mundial fizeram com que a Prefeitura fechasse o serviço em 1919, reiniciando-o com uma sociedade da cidade em 1923. A concorrência do butano fez com que fechasse definitivamente a fábrica em 1961. A atividade moderna, já com gás natural, chegou ao final do século XX, com um grande desenvolvimento até os dias de hoje.

Por Pedro-A. Fábregas
Fotografias: Arquivo Histórico Fundación Gas Natural Fenosa

A história do gás em Alicante começou em 1854, quando a Prefeitura solicitou informações sobre a possibilidade de instalar a iluminação a gás na cidade. Em 1856 o serviço foi adjudicado à sociedade Melitón Martín y Cia. Melitón Martín tinha sido o responsável pela fábrica de gás de

Madrid (1848-56), e também engenheiro chefe da ferrovia de Aranjuez a Alicante; era um bom engenheiro que se movia no entorno de um dos grandes financiadores da época, o marquês de Salamanca, e que com os anos foi nomeado pelo rei Alfonso XII engenheiro diretor da Real Fábrica de Gas de Palacio (1875).

Pouco tempo depois, o contrato foi cedido à Compañía General de Crédito en España (CGCE), promovida pelo financeiro francês Alfred Prost, que realizou grandes investimentos em ferrovias, seguros e fábricas de gás. Além da de Alicante, a CGCE foi proprietária das fábricas de gás de Jerez, Pamplona, Burgos, Valladolid e Cartagena.

Início da atividade. A CGCE iniciou sua atividade com a compra do terreno para alocar a fábrica (1858), o que permitiu construí-la e inaugurar o fornecimento de luz a gás para a cidade no dia 14 de abril de 1861. No entanto, foram encontradas algumas dificuldades financeiras. Por

isso, em 1863 foi feita uma emissão de obrigações em 25 anos com a garantia hipotecária de suas fábricas de gás, pela enorme quantia para a época de 19 milhões de reales de vellón.

No ano seguinte, a CGCE apresentou a declaração de falência, e em 1865 foram leiloadas suas fábricas de gás. A adjudicação foi conseguida pela Sociedad Holandesa para la Explotación de Fábricas de Gas en España, constituída por financeiros holandeses, que se sub-rogou também na emissão das obrigações de 1863.

Em 1867, os holandeses arrendaram por dez anos a exploração da fábrica de gás de Alicante à Compagnie Centrale d'Éclairage par le Gaz Lebon & Cie., com grandes interesses na indústria de gás da Espanha. A guerra franco-prussiana (1870-71) colocou em sérias dificuldades a Lebon, que abandonou a fábrica de gás de Alicante, nomeando um administrador judicial até o término do contrato de arrendamento em 1877, quando a sociedade holandesa recuperou o pleno controle da atividade.

Porém as soçobras não terminaram, e, em 1880, a Compañía Madrileña de Alumbrado y Calefacción por Gas (CMACG), que possuía 85% da emissão das obrigações realizada em 1863, apresentou um pedido por falta de pagamento dos cupons vencidos desde 1866 das obrigações em circulação. A sociedade holandesa não tinha o dinheiro, e as fábricas de gás hipotecadas em garantia foram leiloadas, e adjudicadas à

Compañía Madrileña. De forma imediata, foi negociado um novo contrato de iluminação com a Prefeitura, desta vez por 40 anos.

Numerosas dificuldades. Durante esses anos, o serviço de gás foi se estendendo por Alicante, porém também as dívidas da Prefeitura com a companhia de gás, que em 1889 já ascendiam a 320.000 pesetas. Naquele tempo, o custo da iluminação a gás representava 20% das rendas municipais. Mesmo com o estabelecimento de um programa de pagamento da dívida municipal em 30 anos, em 1906 a dívida já ascendia a mais de um milhão de pesetas.

As dificuldades do fornecimento de carvão durante a Primeira Guerra Mundial, além do incrível aumento do preço, causaram muitos problemas para as fábricas de gás e as suas relações com as prefeituras. Em Alicante, a Prefeitura obrigou a fechar a fábrica, sem avançar nada na devolução da dívida.

Em 1923, foi constituída por acionistas da região a Gas Alicante, S.A., que comprou as antigas fábrica e instalações,

além da dívida da Prefeitura a Gas Madrid, a companhia que continuou com as atividades da antiga Compañía Madrileña de Alumbrado y Calefacción por Gas. A Gas Alicante conseguiu retomar o serviço de gás na cidade no dia 1 de outubro de 1923. Durante a Guerra Civil, a fábrica foi confiscada pela "Unificación Obrera de Gas Alicante", voltando depois aos seus proprietários, que administraram a sociedade até o advento do butano no final dos anos 50, o que provocou a definitiva decisão de encerrar o serviço em 1961.

Finalmente, o gás voltou a Alicante, já como gás natural, quando a Compañía Española de Gas (Cegás), no âmbito da Gas Natural SDG, anunciou um plano de gasificação de 2.500 milhões de pesetas em 1998 para conectar a cidade às redes de gasodutos, conseguindo desde então um importante assentamento e desenvolvimento no território. A informação apresentada provém e pode ser ampliada no livro *Uma história do gás em Alicante*, de Dionisio García de la Fuente, publicado pela Fundación Gas Natural Fenosa.

Em 1923, foi constituída por acionistas da região a Gas Alicante, S.A., comprando as antigas fábrica e instalações, além da dívida da Prefeitura a Gas Madrid